

# SAPO!<sup>1</sup>

Gonzaga Duque



[75]<sup>2</sup> Quando a treva se derramou serena e lenta — o focinho repelente de um enorme sapo surgiu no envesado rasgão de uma brecha. E logo, do negrume frio das estopinhas, todo o seu curto e grosso corpo mole despejou-se para o declive largo da estrada.

Sob a fuligem da noite, ele não tinha forma precisa, era uma coisa estofada e untuosa, feia e rude, que se movia aos pinchos, batendo surda e fofa na poeira calmada do caminho. E aos pulos, compassadamente, precavendo-se e perscrutando, vai tangendo na papeira, de quando em vez, a martelada sonora de um aviso. Ao repercutir da pancada, coaxos desolados respondem, ao longe. O enorme sapo, então, para e escuta.

Que se acordou nessa alma fruste? É uma dúvida, que o retém, ou alguma lembrança, que o enleva?... E vacila...

---

<sup>1</sup> DUQUE, Gonzaga. Sapo!. In: \_\_\_\_\_. *Horto de mágoas: contos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996. [1914]

<sup>2</sup> Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas de referência.

...Há um grande silêncio, em tomo, que se opõe a palpitação de outra vida lá-baixo... Ele, porém, continua, aos arrancos, em saltos, bigorneando o seu alarma até a baixada do vale.

A treva adensara-se. Trilos delirantes de larvíparos crivam de suspeitas a mancha negra da macega... A pouco e pouco pelas alturas, e de onde em onde, acende-se, súbito, uma estrela...

A paisagem não tem cor, debuxa-se numa carbonagem forte; recortada e chata seria sombra esfarrapada e estática ou penedia estorvante e bruta se, por vezes, não na acordassem farfalhos bocejantes da ramaria agreste...

E o sapo continua. Vai só. A solidão envolve-o, a treva protege-o. Ai dele, se alguém aparecesse e se a noite não pusesse nos socalcos da escarpa e nas touceiras das quebradas o negror das fumas! Ai dele!... porque ninguém o quer, ninguém o ama... A mão da criança desloca pedras para o lapidar, o cajado longo do pastor esgaravata-o e escorcha-o nas grotas, o bordão da velhice fere-o, as raparigas, então essas, têm-lhe [76] um horror como se topassem bruxedos!...

No entanto, não ferve a peçonha nas suas mandíbulas, nem possui armas para destruir os campos e arruinar as choças! É pacífico e bom, mas é feio e repulsivo. Como não mata o homem, o homem não o evita, esmaga-o. Teceram lendas, com os dedos ágeis da mentira, para o perseguir — ele é o agouro que arrasta a desventura, é o bruxo dos feiticeiros, a alma penada do purgatório, o mensageiro do inferno. Se penetra o portal de uma choupana, fugindo aos temporais ou indo à caça dos destruidores, é que vem para secar o leite ao seio das mães, cegar criancinhas, estuprar virgindades...

E a água de que bebeu logo ficou salobra, a roupa em que se roçou transformou-se num cáustico... É o sapo!

Mas, agora, nos charcos da baixada para outra vez e olha. Passam topázios flamejantes, lanternando o negrume liso do lodo... Lírios recendem... Esmeraldas notívagas surgem das tábuas e das ninfeias, num enxame... Há diamantes nas foliculas rasteiras do lameiro... Toda uma rutilação no pântano!... O sapo contempla.

Do empapuçado das margens, aqui, além, lá-baixo, retine uma orquestra bárbara, trilante e áspera, entre cícios febris e coaxos rítmicos. Parece que é o ar que retreme, que a própria treva é uma poeira efervescente e sonora... E o sapo escuta.

Aquela massa repelente está comovida e contemplativa: e como toda a joalheria dos insetos e o murmúrio das trevas o fazem cismador, levanta os bugalhos para o céu, já recamado de estrelas. Deslumbra-se e extasia-se, a ver e a ouvir, numa fascinação que lhe traz à papeira regougos surdinados, como a ensaiar um canto...

Mas, não o diz, não o exprime. Teme perturbar a beleza que o encanta... Talvez nem o entendessem!... Ou de terror, estrelas e insetos fugissem, a música cessasse! É melhor ouvir e ver, em silêncio, só consigo falando. E o sapo escuta e contempla.

Pojado nas patas, retesa a cabeçorra para o alto. No arco brusco das órbitas cintilam suas pupilas cismadoras. É-lhe a postura toda embevecimento e resignação. E — quem sabe? — cada retremer de estrelas, cada fosforear de pirilampo, cada som que retine, vai gravando na sua alma rústica a rude estrofe de algum poema rude!...

Ah! triste vivente, asqueroso batráquio, horrendo sapo!... Que doce alma de poeta tu possuis! Bom e simples animal, solitária e inofensiva criatura, ninguém te quer, ninguém te ama, porque és feio, és feíssimo, tens o aspecto nojento duma bostela, e porque [77] não ofendes, e porque não seduzes, a maldade dos homens, que é a normalidade humana, te repele, te injuria, te assassina!

És sapo! Sapo! Irmão dos desgraçados que se amamentaram na Desgraça, igual aos infelizes que nasceram da Infelicidade, enxotados, batidos, infamados, porque ninguém os quer ouvir, ninguém os quer amparar!...

A tua pele é negra e horrenda, a tua forma enoja, os teus gestos, os teus movimentos, a tua obscuridade irritam... não, não podes ter uma alma, não podes ser bom. És mau e estúpido. Por quê? Porque és sapo, unicamente sapo... sapo!... sapo!...



#### FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez  
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva  
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes  
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur e Rosane Velloso  
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

## Tênebra

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

